
O PEQUENO LÉXICO CONVIVALISTA: INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIOECOLÓGICA

SMALL CONVIVALIST LEXICON: AN INSTRUMENT OF SOCIOECOLOGICAL TRANSFORMATION

EL PEQUEÑO LÉXICO CONVIVALISTA: INSTRUMENTO DE TRANSFORMACIÓN SOCIOECOLÓGICA

Frederico Salmi¹

Resumo

Este artigo propõe e apresenta um pequeno léxico convivalista ao argumentar a necessidade emergencial de um instrumento para convivialidade climática. Para isso, discutimos a linguagem convival como instrumento de transformação do modo de vida, na perspectiva do convivalismo, que tem a ética da ação orientada como um dos princípios organizadores do social e do ecológico. Apresentamos um breve contexto do léxico das quatro principais tradições sociológicas, analisamos em que situação estamos em relação à emergência climática e para onde vamos, nós e a Natureza. A linguagem é um fator determinante e influente que penetra nos espaços físicos e digitais para interagir com o ser humano e gerar efeitos no seu modo de vida seja capitalista, comunista, socialista, anarquista, seja convivalista. O território da palavra convival ainda é emergente e, desse modo, contribuimos para a colocação de mais um tijolo de conhecimento neste campo.

Palavras-Chave: Convivalismo; Convivialidade climática; Léxico convivalista; Ecoética.

Abstract

This article proposes and presents a small convivalist lexicon when arguing the emergency need for an instrument for climatic conviviality. For this, we discuss the user-friendly language as an instrument for transforming the way of life, in the perspective of user-friendliness, which has the ethics of action oriented as one of the organizing principles of the social and ecological. We present a brief context of the lexicon of the four main sociological traditions, analyze where we are in relation to the climatic emergency and where we are going, us and Nature. Language is a determining and influential factor that penetrates physical and digital spaces to interact with human beings and generate effects on their way of life, whether capitalist, communist, socialist, anarchist, or convivalist. The territory of the user-friendly word is still emerging and, thus, we contribute to the placement of another brick of knowledge in this field.

Keywords: Convivialism; Climatic friendliness; Convivalist lexicon; Ecoethics.

¹ Mestrando em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Membro do Grupo de Pesquisa Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (TEMAS). Bolsita CNPq. ORCID id: <http://orcid.org/0000-0002-7043-2816>

Resumen

Este artículo propone y presenta un pequeño léxico convivialista al argumentar la necesidad urgente de un instrumento para la convivencia climática. Para ello, se discute el lenguaje amigable como un instrumento para transformar la forma de vida, en la perspectiva de la facilidad de uso, que tiene la ética de la acción orientada como uno de los principios organizadores de lo social y lo ecológico. Presentamos un breve contexto del léxico de las cuatro principales tradiciones sociológicas, analizamos dónde estamos en relación a la emergencia climática y hacia dónde vamos, nosotros y la Naturaleza. El lenguaje es un factor determinante e influyente que penetra los espacios físicos y digitales para interactuar con los seres humanos y generar efectos en su forma de vida, ya sea capitalista, comunista, socialista, anarquista o convivialista. El territorio de la palabra amigable aún está emergiendo y, así, contribuimos a la colocación de otro ladrillo de conocimiento en este campo.

Palabras clave: Convivialismo; Amabilidad climática; Léxico convivialista; Ecoética.

INTRODUÇÃO

A pedra continua pétrea, o sol, solar, mas o acontecimento da existência no seu todo (inacabável) se torna inteiramente distinto porque pela primeira vez aparecem na cena da existência terrestre as personagens novas e principais do acontecimento [...] com isso mudou radicalmente, enriqueceu e transformou-se. (BAKHTIN, 2010, p.372).

Este artigo busca contribuir para a construção de um instrumento de convivialidade materializado em forma de uma coletânea das principais palavras e termos associados ao convivialismo: um pequeno léxico convivialista, que brotou como parte do projeto de pesquisa que discute as relações entre sociedade, natureza e tecnologia a partir da teoria convivialista. Foi utilizado como método para construção do referido léxico a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). O método foi seguido em três etapas: a) a pré-análise foi realizada com a lente analítica de Bakhtin (2010) que tratou da seleção dos artigos diretamente associados ao convivialismo e ao Manifesto Convivialista (2013); b) a exploração do material teve como fio vermelho condutor o conteúdo do próprio Manifesto (2013) e artigos selecionados e focou no agrupamento das unidades de análise (palavras, termos, jargões, entre outros) em duas categorias convivialistas (quadro 01), estas associadas aos princípios do Manifesto²: sociabilidade comum e tensão mediada (2013); e finalmente c) o tratamento dos resultados de forma reflexiva, que foi vinculado às noções

² A convivialidade como abordagem epistêmica foi proposta inicialmente por Ivan Illich em 1973, sendo retomada pelo sociólogo Paul Gilroy em 2004 e estruturada como abordagem teórica na publicação do primeiro Manifesto Convivialista (2013), que buscou um novo olhar ético, político, social e ecológico, integrando o ser humano à natureza e ao atual mundo das coisas (tecnologia: artefatos, instrumentos, instituições e sistemas). Mais informações sobre o segundo Manifesto Convivialista no site oficial. Disponível em <<http://convivialisme.org/extraits/>>. Acesso em: 24 de março de 2020.

de alerta e de intervenção da crise social e climática mutuamente. O resultado foi fruto da análise ontológica e epistemológica do conteúdo político ético-ecológico do Manifesto (2013, 2020) dentro do atual contexto da ‘emergência climática’³. A pesquisa partiu da premissa que a linguagem é intrínseca à sociedade e opera em uma relação mutuamente constitutiva, desse modo, o léxico⁴, ainda embrionário da teoria convivialista, é um campo fértil que começa a ser desenvolvido por alguns teóricos⁵ dessa nova teoria social.

Quando interseccionadas à perspectiva convivialista, as ideias de Bakhtin sobre a linguagem e a sua inter-relação entre os seres humanos e a natureza nos ajudam a pensar como o mundo é percebido, observado, analisado e, por fim, transformado. A era digital modificou e acelerou o processamento da linguagem que também é reterritorializada diante da crise climática.

Para iniciar nossa reflexão, podemos contextualizar o cenário global. A população mundial é de pouco mais de 7 bilhões e chegará a 10 bilhões em 2050⁶; as migrações mundiais crescem com o avanço das guerras por acesso aos recursos naturais, principalmente, por combustíveis fósseis e minerais; mais de 800 milhões de pessoas passam fome, destas, 200 milhões são crianças menores do que 5 anos; em contrapartida 678 adultos são obesos e 338 milhões⁷ são crianças e adolescentes com sobrepeso. Estima-se que, das 100 milhões de espécies⁸ de seres vivos no planeta, 200 espécies são extintas anualmente. Desastres ecológicos causados por ação ou omissão humana aumentam: dos vazamentos de óleo bruto em alto-mar aos resíduos tóxicos das barragens de mineração. O desenvolvimento econômico dos últimos 100 anos, com base no crescimento ilimitado e no uso indiscriminado dos recursos naturais, não é a solução às mazelas da humanidade e do planeta, como fome, desnutrição, escassez de água potável, aumento da desigualdade social, degradação ecológica e aquecimento global⁹. A atual ordem mundial continua a dizer que a salvação virá pela aceleração do crescimento econômico através da tecnossalvação, apesar dos recursos finitos¹⁰ do planeta Terra. Em

³ Em 2019 o Dicionário de Oxford elegeu o termo ‘emergência climática’ como a palavra do ano.

⁴ Léxico trata-se da compilação de palavras de uma língua específica.

⁵ Alain Caillé é considerado o principal fomentador da teoria do convivialismo. Também é associado ao movimento anti-utilitarista.

⁶ Outros dados no relatório Perspectivas Mundiais de População (ONU, 2019).

⁷ Mais sobre o estado de alimentação mundial na série ‘El estado del mundo’ (FAO et al., 2019).

⁸ Mais sobre espécies ameaçadas: World Resources Institute.

⁹ Alguns pensadores possuem um pensamento crítico em relação ao modelo capitalista e seus impactos na desigualdade social e na degradação planetária, entre eles podemos citar Latouche, Stengers, Latour e os autores do Manifesto Convivialista (2013, 2020).

¹⁰ Uma afirmação que é ocultada no modelo econômico que opera da lógica do crescimento ilimitado e degradação infinita da natureza (LATOUCHE, 2009).

algumas projeções, nos próximos 50 anos, se a ordem mundial não for alterada significativamente, ultrapassaremos o ponto no espaço-tempo para desacelerar o aquecimento global. Desastres ecológicos e sociais de várias formas, que já nos afetam, aumentaram exponencialmente. Guerras por combustíveis fósseis (petróleo, gás e carvão) continuaram a existir em vários pontos do planeta, assim como discursos bélicos à velocidade digital e com teores de ódio continuaram a se manifestar nas conversas do dia a dia e nos meios de comunicação. Porém, esse tipo de mensagem econômica-salvacionista de tônica autoritária e suas formas de comunicação ganham volume atualmente na velocidade da era da hipermídia.

Podemos refletir se, para além da narrativa do crescimento econômico ilimitado, existem outras formas de convivência com o planeta, outras relações com a natureza para além da degradação e do consumismo. Se existem, como são envelopadas e comunicadas? A palavra é poderosa quanto proferida, ainda mais na era da hipermídia. Porém, a força da linguagem depende da roupagem com a qual está revestida. As formas de comunicação do capitalismo são bem estudadas e conhecidas e, para tanto, iremos apresentar outro modelo de ordenamento social e ecológico, o convivialismo, uma teoria recente que possui um caráter político e normativo com base na ética social e ecológica. Como se trata de uma teoria recente, nossa contribuição é na perspectiva da construção epistêmica por meio da linguagem convivalista, que traz consigo o conteúdo germinal desse movimento teórico e político que se propõe a ser a quinta via¹¹. Linguagem, esta, que é um instrumento ativo de transformação social e ecológica.

A PEDRA SE TRANSFORMA: O CONTEXTO E A LINGUAGEM IMPORTAM

O ser humano transforma o mundo consciente ou inconscientemente¹² e o léxico transforma a realidade social (HIRSCHKOP, 2016). O léxico pode ser entendido de modo sucinto como sendo a palavra, a linguagem, o significado, o valor simbólico. A palavra carregada de simbolismo muda 'o outro' e conseqüentemente a realidade social (BAKHTIN, 2010). Assim o léxico, sendo materializado como um vocabulário fundamental, um dicionário ou uma pequena coleção de palavras ordenadas, tem uma função pedagógica estabelecida (MIRANDA e BORBA, 2019). O ser humano (re)produz símbolos por meio da

¹¹ Aqui fazemos uma analogia ao movimento ideológico denominado de Terceira Via, tendo como um de seus principais pensadores, o sociólogo Anthony Giddens. O Manifesto Convivalista (2013) apresenta o comunismo, o socialismo, o anarquismo e o capitalismo como sistemas de ordenamento social e propõe o convivialismo como uma via alternativa, ou seja, a quinta via.

¹² O marxismo utiliza o termo 'alienado' para a inconsciência sobre o modo de vida que o ser humano está inserido.

linguagem. Reproduz símbolos antigos ou produz novos, porém, o outro é afetado pelas palavras e por suas formas de comunicação. E como o indivíduo não existe sem o outro, somos afetados mutuamente pela palavra, ou seja, pelo léxico. A fala, consciente ou não, afeta e transforma diretamente o outro, assim como o meio ambiente físico e digital. A pedra bakhtiniana pode ser vista como um inerte objeto sólido, um belo elemento da natureza ou um precioso recurso mineral. A transformação da pedra ocorre a partir de uma visão de mundo e de contexto no qual o indivíduo ou grupo está inserido. A pedra se transforma simbolicamente no consciente, pois, na inconsciência, (alienação) somente há reprodução da ordem mundial. É necessária consciência para haver criação de novos símbolos, de novas visões de mundo e de novas formas de ‘com-viver’ com o outro e com o planeta.

A visão de mundo bakhtiniana - com ideias que nasceram no tempo em que os caminhos eram físicos e as palavras eram transportadas por cavalos e cartas, que se relacionavam com as rápidas transformações fósseis do mundo das rotas terrestres aos caminhos espaciais de Gagarin, ideias que chegaram à era da hipermídia com suas rotas digitais-, dialoga com a visão de mundo convivialista na qual o ‘eu’ e o ‘outro’ são categorias que nos levam a um outro entendimento das relações de forças simbólicas em jogo (BAKHTIN, 2010; COSTA, 2019; DE LIMA GIROLA, 2006) ainda mais quando analisadas de forma conjunta ao atual contexto de comunicação em alta velocidade proporcionado pelas mídias digitais (LÉVY, 2002). O Manifesto Convivialista (2013) proposto por uma recente corrente de cientistas do pensamento crítico sobre a ordem social (ADLOFF, 2019) apresenta uma abordagem alternativa aos sistemas conhecidos - socialismo, comunismo, anarquismo e liberalismo - baseando-se nos conceitos da convivialidade illichiana e da reciprocidade maussiana¹³, que incluem categorias como ‘entidade não humana’ e ‘mediação de conflitos’ e que deslocam para o mesmo patamar ontológico o ‘ser humano’ e equalizam seus agenciamentos. Assim, animais, plantas, elementos da Natureza e artefatos (COSTA, 2019; HARAWAY, 2016) são agenciados, ou seja, atores ativos e dotados de forças simbólicas essenciais na composição da participação mais equitativa e democrática no mundo, tendo seus espaços de representação social, ecológico e político reconhecidos na ordem planetária. Essa é a visão contemporânea do convivialismo.

Para o pensador canadense Hirschkop (2016), entre os vários pensadores que teorizaram sobre a linguagem e a teoria cultural, Bakhtin é uma alternativa ao modo de

¹³ Baseado nas noções de dom (*gift*) de Marcel Mauss.

pensar o ser humano como uma máquina¹⁴ ou um “animal humano”¹⁵, pois o pensador russo nos oferece uma visão de mundo em que o ser humano não é nem um código dentro de um programa computacional nem uma massa de neurônios dentro de um saco de ossos e sangue. O contexto, o simbólico e a linguagem importam (BAKHTIN, 2010).

A consciência, para Bakhtin (2010), é a palavra, é o léxico que não é falante nem ouvinte. A palavra é o fenômeno (signo) ideológico por excelência, uma vez que a palavra é entendida como intrinsecamente ligada a existência do indivíduo social, ou seja, a palavra faz parte desse amálgama social que compõe a humanidade. A palavra aqui opera como uma unidade de análise que é significada através do outro, e essa relação sociointeracional é mutuamente constituída entre o falante e o ouvinte. É nessa interação que se dá a significação, pois “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN apud DE LIMA GIROLA, 2006, p.322).

Hirschkop (2016), ao citar o argumento bakhtiniano de que “com o surgimento da consciência no mundo (...) e, com o surgimento da vida biológica (é possível que não só os animais como também as árvores e a relva testemunhem e julguem), o mundo (a existência) muda radicalmente” (BAKHTIN apud HIRSCHKOP, 2016, p.156), nos oferece a perspectiva de colocar atores humanos e não humanos como elementos de análise do discurso, como argumentado pelos convivialistas (CAILLÉ et al., 2016). A linguagem é tão essencial que há diversos estudos sobre a militarização do discurso nas arenas físicas e digitais do mundo contemporâneo. A cultura e recentemente a cibercultura é uma extensão do ser humano, da sua linguagem e das suas formas de comunicação. Cuidar do léxico é cuidar de nós mesmos e estamos simbólica e simbioticamente integrados. O contexto e a linguagem importam.

Se o contexto importa trazemos para a mesa de discussão as questões existenciais que Gauguin¹⁶ eternizou com espessas pinceladas em sua obra: “De onde viemos, o que somos, para onde vamos?” Os princípios da convivialidade¹⁷ contemporânea nos fornecem

¹⁴ Hirschkop argumenta que a ciência cognitiva tem uma visão teimosa pois “ela não consegue imaginar a fala como outra coisa a não ser uma conversa entre duas máquinas computacionais sem corpos, que registram elementos do mundo físico terrestre ao transformá-los em informação para serem processadas.” (Hirschkop, 2016, p.164).

¹⁵ Aqui uma referência ao termo citado por Hirschkop como “o animal humano de Pinker” como sendo uma crítica à teoria da linguagem cognitiva de teor fundamentalmente materialista sobre a visão ontológica do homem do cientista Pinker.

¹⁶ O pintor francês Paul Gauguin pintou essa obra entre 1897 e 1898, período em que estava em crise existencial em busca da sua essência após migrar da Europa.

¹⁷ Os princípios da convivialidade contemporânea ecoam os princípios da permacultura, como ‘cuidado com o outro, cuidado com a Terra e distribuição equitativa’ (*‘Earthcare, Peoplecare, Fairshares’*).

novas trilhas sobre o conteúdo e a forma de caminharmos por esse mundo. A sociedade já experimentou sistemas liberais, comunistas, socialistas ou anarquistas. A força do modelo produtivista de raiz capitalista é a dominante. Forças que polarizam a política, dividem sociedades e negam as crises. A proposta de ‘com-viver’ do convivialismo é de que o ser humano tenha consciência de que há conflito, porém, também há cooperação por meio de mediação e de negociação, que há zonas de poder com fronteiras que podem ser flexionadas, que os recursos são finitos e que há desigualdade não só social mas também ecológica. A convivialidade propõe um convite à transformação ativa pelos e para os seres humanos e a Natureza. Ativa, pois empodera o indivíduo, que vive de modo simbiótico com o outro¹⁸. Os princípios da convivialidade permitem novas análises frente aos modelos já concebidos e clássicos.

DE ONDE VIEMOS: O LÉXICO SOCIOLÓGICO NAS QUATRO TRADIÇÕES RECONHECIDAMENTE CLÁSSICAS

Como as palavras são carregadas de valor simbólico, podemos apresentar a partir de outros estudos sobre capitalismo, socialismo, comunismo e anarquismo, algumas palavras que compõem o léxico de cada uma das quatro principais tradições sociológicas para servir de contraponto ao léxico convivialista e, assim, ser também um marcador diferencial da linguagem. O objetivo é marcar as diferenças simbólicas de cada linha de pensamento e, assim, contribuir para uma delimitação mais nítida da corrente de pensamento convivialista.

As palavras relacionadas ao **capitalismo**¹⁹ são facilmente reconhecidas e já apropriadas pela sociedade e, assim, a título de exemplificação, podemos citar termos como: ‘consumismo’, ‘crescimento econômico’, ‘lucro’, ‘guerra comercial’, ‘tempo é dinheiro’, ‘capital privado’, ‘sistema bancário’, ‘individualismo exacerbado’, entre outros vocábulos do léxico capitalista do *homo oeconomicus*. Quanto às palavras associadas ao **comunismo**²⁰, podemos citar algumas mais comuns: ‘bem público’, ‘propriedade estatal’, ‘igualdade’, entre outras. Já as relacionadas ao **socialismo**²¹ temos: ‘solidariedade’,

¹⁸ Na perspectiva convivialista, o ‘outro’ é o outro ser humano, a outra espécie e a Natureza.

¹⁹ O capitalismo tem em Adam Smith (1723-1790) um de seus primeiros pensadores. Posteriormente Marx, Durkheim e Weber irão realizar seus contrapontos críticos sobre o capitalismo.

²⁰ O ‘Manifesto Comunista’ foi publicado em 1848 por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) como uma alternativa ao capitalismo. Atualmente, há 3 países que operam sob a lógica comunista (apesar das críticas e dos paradoxos, esse artigo não entrará nesta discussão): China, Coreia do Norte e Cuba. O Manifesto Convivialista é uma referência explícita e simbólica ao Manifesto marxiano.

²¹ Socialismo tem sua origem no século XIV e tem em Henri de Saint-Simon (1760-1825) um de seus pensadores iniciais.

‘democracia participativa’, ‘direto do povo’, ‘sindicalismo’²², ‘assistencialismo’, ‘equidade social’ e entre outras. E as vinculadas ao **anarquismo**²³ incluem ‘liberdade’, ‘autonomia’, ‘autogestão’, ‘auto-organização’, ‘democracia direta’, ‘municipalismo’, ‘livre associação’, ‘localismo’, ‘voluntariado’, ‘relações locais’, entre outras. O **convivialismo** busca compor seu próprio léxico para se diferenciar simbolicamente das linhas tradicionais e o léxico convivialista é nossa contribuição nessa área da convivialidade.

As apropriações de palavras, de vocábulos jargões e de léxicos entre os diferentes modelos de ordenamento social impactam os cotidianos diferentemente e, como pode ser notado acima, demonstram que há uma ecologia dinâmica de léxicos concorrentes entre si, o que releva as relações de poder entre as correntes teóricas que influenciam e moldam nosso modo de vida e do planeta que habitamos. Esta é nossa herança.

O QUE SOMOS: A CONVIVIALIDADE DÁ SEUS PRIMEIROS PASSOS NO ESPAÇO DIGITAL

Se os seres humanos modelam a si mesmos e ao mundo, como fazê-lo a partir do olhar da convivialidade? A resposta está na palavra proferida. O uso consciente e atento do léxico convivial, ou seja, das palavras associadas ao convivialismo como forma de transformação social e ecológica requer atenção ao contexto em que se coloca cada palavra, frase e sentença proferida. A linguagem permeia os espaços físicos e digitais. Desde a invenção do telégrafo, a velocidade da comunicação aumenta a cada ano e, com o avanço dos espaços digitais, a relevância do léxico também aumenta. A precisão do uso da linguagem nos espaços digitais torna-se cada vez mais relevante como instrumento de transformação rápida e eficaz²⁴. Se antes da invenção dos canais de transmissão da voz por cabos, as arenas de discurso se davam face a face. Atualmente, na era da hipermídia, os debates simbólicos se dão *byte a byte* nas arenas digitais (LÉVY, 2002). Assim, o contexto e a linguagem importam tanto nos espaços de convivialidade face a face quanto nos ciberespaços de convivência humana.

²² Algumas palavras (léxico) são compartilhadas entre algumas correntes, mas são ressignificadas dentro de cada contexto. Um exemplo é a palavra liberdade, que, para cada sistema ordenativo, carregará sua carga de simbolismo com suas especificidades.

²³ O anarquismo também tem em seus fundadores as pedras angulares com os princípios dessa visão de mundo, como Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), Mikhail Bakunin (1814-1876) e Piotr Kropotkin (1842-1921) como seus pensadores emergentes. Proudhon também é associado em alguns estudos, como um dos fundadores do socialismo em sua etapa inicial. Como há conceitos compartilhados, como liberdade, tanto no capitalismo, no socialismo e no anarquismo, cabe, aos interessados, mergulhar nos princípios que movem cada um desses sistemas.

²⁴ Elaboração de artigos e de pesquisas sobre militarização do discurso podem ser encontrados atualmente, de vasto modo, tendo o conceito de biopoder de Foucault como uma das lentes analíticas para análise e reflexão do poder do discurso.

Os princípios convivialistas estão baseados na abordagem do bem viver, do ‘com-viver’, do compartilhar, do cuidar, da ética, da equidade, da interdependência, da ecologia, do social e da ecopolítica, do transcendental e da espiritualidade respeitada. Se há agradabilidade podemos seguir com as palavras. Em um mundo conectado física e digitalmente, as interações são mais explícitas, assim, as falas possuem uma força motora mais do que em outro ponto da nossa história (DE SOUZA LARIZZATTI, 2013). Ter consciência do simbolismo que está em nossas palavras nos torna responsáveis sobre como afetamos a nós mesmos e ao outro de modo simultâneo.

Como exemplo dessa atenção e dessa conscientização do poder da palavra proferida nos meios digitais, citamos o movimento realizado pelo jornal eletrônico *The Guardian*. Em 2019, o jornal independente assumiu uma nova abordagem em relação ao uso da linguagem como instrumento de comunicação transformadora para a questão ecológica: “passaremos a utilizar as seguintes palavras: **emergência** climática e **crise** climática **ao invés de** alerta global ou mudança climática” (THE GUARDIAN, 2019, grifo nosso). Longe da ingenuidade liliputiana, a convivialidade integra o conflito e a cooperação como formas de movimentação das forças que transformam o mundo, mas, de modo consciente, privilegia as formas de associação orientadas eticamente, dinamizadas por meio de articulações e de negociações de distensionamento de conflitos que podem levar a barbárie ou aniquilação do outro (CONVIVIALIST MANIFESTO, 2014).

Esse é o mundo de hoje. Vivemos de mãos dadas com a mão invisível de um mercado planetário (LATOUCHE, 2009) em um inédito mundo cibernético conectado planetariamente. Somos ciborgues, não só conectados, mas hibridizados digitalmente nos quais a linguagem viaja a velocidades cada mais vez mais rápidas e em novos formatos. Somos esta simbiose física-digital que utiliza a linguagem para (re)modelar o mundo. Desse modo, a atenção e a conscientização do uso da palavra se mostram um instrumento essencial na construção do modo de vida presente e futura da sociedade e do planeta.

PARA ONDE VAMOS: A PALAVRA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO ECOSSOCIAL

O léxico convivial é um instrumento de transformação social e, na visão convivialista, um operador central para a mudança da atual ordem social consumista. Propomos aqui uma abordagem de atenção ao uso das palavras, uma vigilância suave no uso das frases

proferidas, uma reflexão serena e convivial²⁵ antes de fazer uso deste poderoso instrumento: a palavra.

Palavras que levam a uma harmonia dinâmica, palavras em que o destino seja o consenso. Os convivialistas argumentam que pode haver dissenso, mas não discórdia. Palavras como instrumentos buscam o conflito ou o entendimento. Novamente, os convivialistas defendem que podemos discordar, mas não desrespeitar. A atenção é na paridade argumentativa dos envolvidos em equidade de recursos, sejam de conhecimento, de espaço da fala, de equidade de direitos.

Palavras conviviais buscam um equilíbrio, uma paridade, um senso de balanço de igualdade, uma busca pela redução da desigualdade encontrada em dado contexto. É o oposto das palavras totalizantes²⁶ (associadas às noções de conceitos autoritários, totalitários, militares²⁷ e similares). O léxico convivial busca evitar o léxico bélico como: ‘vamos à luta’, ‘precisar nos armar’, ‘nos munir’, ‘é matar ou morrer’, ‘dia de guerra’, ‘trabalhar até sangrar’, ‘matar a sede’²⁸, entre outros. Aqui, com base no conteúdo dos textos convivialistas, entende-se que a ética é um ato normativo, um imperativo kantiano, uma atitude que pode ser universalizada moralmente, ação e fala que materializam valores morais de cuidado com o outro; e que a ecologia²⁹ é entendida em sua expressão e expandida para além do ser humano, onde ser humano e Natureza são interdependentes, interligados de modo simbiótico.

O ser humano desconectado da natureza é um ser encaixotado em um contêiner metálico blindado e cercado por cimento. Sem correr o risco de um caráter esotérico, mas, sim, com respeito à espiritualidade humana, o ser humano aqui é entendido como interligado aos elementos da água, da terra, do ar e do fogo (energia, preferencialmente, de fontes renováveis, seguras e limpas). Se há o consenso científico da crise climática e o conflito negacionista de grupos de interesse também é uma realidade, então, o uso da

²⁵ Latouche (2009) argumenta que “o caminho para pensar uma sociedade de ‘decrecimento’, se possível sereno e convivial” (p.26) é por meio de uma revolução ecológica que remodelará a dimensão social e econômica.

²⁶ Palavras totalizantes (de cunho autoritário ou de caráter radical e absolutista) são, por exemplo: ‘tudo’, ‘nada’, ‘sempre’, ‘nunca’, ‘todo mundo’, ‘ninguém’, ‘absolutamente’, ‘verdade absoluta’, ‘obrigatoriedade’, ‘infalibilidade’, ‘punição’, ‘controle’.

²⁷ Não é a proposta desse artigo sobre o léxico convivialista o estímulo às palavras de origem ou associadas ao universo bélico, vinculados ao controle exercido por violência e restrição de liberdade sob as suas mais variadas formas de incitação ao ódio. Exemplo: ‘saciar a sede ou a fome’ ao invés de ‘matar a sede ou a fome’; ‘ir em busca da equidade’ ao invés de ‘ir à luta por direitos’.

²⁸ Sugestões conviviais: vamos à articulação, à mobilização, à negociação; precisamos de recursos, nos capacitar, é uma negociação exigente, saciar a sede ou a fome, entre outras formas.

²⁹ Termo cunhado originalmente por Ernst Haeckel em 1866, em ‘Generelle Morphologie der Organismes’, que retorna com força influente nesse novo milênio devido à crise climática.

palavra é primordial seja para manter a ordem mundial, seja para realizar alterações de rota da humanidade. Assim, as palavras podem nos arrancar dessa barbárie³⁰ que é a desigualdade social e ecológica a nível planetário. O ser humano pode continuar a seguir sua trajetória ou trilhar novas rotas. O léxico convivialista, ainda por ser lapidado, é parte dessa mudança de rota e é um instrumento orientador que pode explorar o território convivial.

PEQUENO LÉXICO CONVIVALISTA: AGRADÁVEL MUNDO NOVO³¹

Concluimos que há um vácuo epistêmico sobre um léxico convivialista, um espaço a ser preenchido por novos signos convivialistas. A seguir, apresentamos o fruto da análise de conteúdo sobre as palavras, os termos e as expressões associadas ao convivilismo que resultou nesse pequeno léxico convivialista.

Quadro 01 – Pequeno Léxico Convivialista

Sociabilidade comum	Tensão mediada
Palavras e expressões relacionadas a cada categoria	
acolhimento respeitoso, autonomia compartilhada, bem-estar multiespécie, bem viver (<i>buen vivir</i>), coexistência ³² digital respeitosa, convivência de humanos e não humanos, convivência simbiótica, convivialidade contemporânea, diálogo inclusivo com nãohumanos, economia ética, espaços de <i>amor fati</i> , estranhamento cordial, ética do presente, ética planetária, ética territorial, hibridização socioecológica ³³ humanidade comum, integração da diversidade, interliberdade,	acesso equitativo, coexistência sem massacre, comunicação não violenta, decrescimento sereno e convivial, decrescimento das instituições de controle, descarbonização, descategorização da primazia econômica, descentralização, des-hierarquização, desobediência civil pacífica, digitalização, dissenso sem violência, emergência climática ou planetária, empoderamento feminino, ênfase nas energias renováveis, equidade socioecológica, espaços de consenso, justiça climática e social, mediação de conflitos,

³⁰ Elaine Brum (2016) argumenta que “esta crise não é apenas política e econômica. É uma crise de identidade – e é uma crise da palavra. São as palavras que nos arrancam da barbárie. Se as palavras não voltarem a encarnar, se as palavras não voltarem a dizer no Brasil, o passado não passará. E só nos restará pintar o rosto com sangue” ao denunciar as violências urbanas e aos povos originários brasileiros. Somos violentos com os povos indígenas como com a Natureza. Há uma urgência para uma nova visão de mundo mais inclusiva.

³¹ Lançada em 1932, a obra ‘Admirável mundo novo’, de Aldous Huxley, faz uma crítica à sociedade massificada, industrializada e controlada. Crítica similar à da obra ‘1984’, de George Orwell.

³² Palavras com o uso do prefixo co- é usado como referência à busca da convivência apesar das diferenças.

³³ A ética ecológica, ou a ecoética, aqui é entendida como a visão integrada entre entidades humanas e não humanas em situação equitativa e, portanto, hibridizada a dimensão social.

liberdade equitativa, ontologia do presente, pluriversalidade, políticas de inclusão multiespécie, política social para desastres, princípio de autogovernança, reciprocidade do retirar-retribuir, reconhecimento da pluralidade, simbiose multiespécie, sociedade do bem-estar, teia de interdependência, territórios autônomos legitimados, transdiálogos e transaberes, usufruto descentralizado.	mediação não violenta, negociação equitativa de recursos finitos, negociação interétnica, poder equitativo, política do livre acesso ao conhecimento, produção não produtivista, redistribuição de recursos, redução da desigualdade, relegitimidade das estruturas de poder, renegociação dos limites da natureza, reordenação hierárquica, reterritorialização, realocização, tecido social ecológico, transição ecológica.
--	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

A convivialidade climática é um caldeirão germinal de palavras e termos que buscar regar novos simbolismos necessários para o atual momento da sociedade e do planeta. Um léxico que busca se orientar por uma ética ecológica que respeite as multiespécies deste planeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O convivialismo pode ser entendido como a abordagem teórica e a convivialidade como a práxis vivida (ADLOFF, 2019). Ambos possuem um aspecto normativo político e ético que orientam as ações sociais. A convivialidade em sua versão contemporânea pode ser abordada por uma lente ontológica e epistêmica convivalista (MANIFESTE CONVIVIALISTE, 2013; 2020) para co-construir um novo ‘ser no mundo’ frente à atual era digital de características moduladoras³⁴ deleuzianas e frente à crise climática e aos seus impactos no cotidiano e no modo de vida planetário, transformando ambiente, cultura e linguagem. Os convivalistas argumentam que um novo olhar para o mundo “não é só possível, mas crucial, necessário e urgente” (CONVIVIALIST MANIFESTO, 2014, p.38³⁵) frente ao momento ético, político, social e ecológico em que estamos. Buscou-se aqui sintetizar o território lexical do universo convivalista, em que sociedade, tecnologia e natureza possam ‘com-viver’ em espaços de dissenso harmonizado ao utilizar novos instrumentos para convivialidade do novo milênio. Semear futuras flores e frutos é factível para nós, para o outro e para a Natureza e o pequeno léxico construído é um instrumento que pode ajudar na caminhada para um mundo sereno e convival. Nossas pegadas deixam

³⁴ Termo relacionado à noção de alienação, porém por estruturas da era digital, como o controle da linguagem pelos algoritmos nas mídias sociais e outros espaços cibernéticos.

³⁵ Todas as traduções das fontes de língua estrangeira neste artigo são do próprio autor.

marcas. Um pé humano que caminha relaxadamente é bem diferente de dez bilhões de pés apressados que pressionam o ambiente. Portanto, em um planeta finito materialmente, um agradável mundo convivalista é mais do que um horizonte utópico. É urgente tanto para a sobrevivência da humanidade e da natureza como para a construção de uma sociedade do bem-estar, mais equitativa e com mais espaços de amorosidade coletiva em harmonia com a Natureza.

REFERÊNCIAS

ADLOFF, Frank. Practices of Conviviality and the Social and Political Theory of Convivialism. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, n. 1, p. 35-47, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.25091/s01013300201900010002>>. Acesso em 21 jan. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.367-392.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: edições 70, 2011.

BRUM, Eliane. O golpe e os golpeados: A barbárie de um país em que as palavras já não dizem. **El País Brasil**, 20 jun. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html>. Acesso em: 24 mar. 2020.

CAILLÉ, Alain; VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François. **Manifesto Convivalista**. Declaração de Interdependência. Edição brasileira comentada. São Paulo: Annablume, 2016.

CONVIVALIST MANIFESTO: a declaration of interdependence. Translated from the French by Margaret Clarke. Introduction by Frank Adloff. Duisburg: Kate Hamburger Kolleg/Centre for Global Cooperation Research, 2014. *E-book*. DOI: 10.14282/2198-0403-GD-3

COSTA, Sérgio. The Neglected Nexus between Conviviality and Inequality. **Mecila Working Paper Series**, n.17. São Paulo: The Maria Sibylla Merian International Centre for Advanced Studies in the Humanities and Social Sciences Conviviality-Inequality in Latin America, 2019.

DE LIMA GIROLA, Maristela Kirst. Signo e ideologia: a contribuição bakhtiniana para a filosofia da linguagem. **Língua e Literatura**, v. 28, p. 319-332, 2006.

DE SOUZA LARIZZATTI, Dóris Sathler. Da semiosfera à ludosfera: por uma filosofia do jogo de linguagem na hipermídia. **Animus Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 12, n. 23, 2013.

FAO et al. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. **El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo 2019**. Protegerse frente a la

desaceleración y el debilitamiento de la economía. Roma: FAO, 2019. Disponível em <<http://www.fao.org/3/ca5162es/ca5162es.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham; Londres: Duke University Press, 2016.

HIRSCHKOP, Ken. Bakhtin Against the Darwinists and Cognitivists. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso*, v.11, n.1, p. 173-186, 2016. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/jt7fx3>>. Acesso em 25 fev. 2020.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LÉVY, Pierre. **Ciberdemocracia**. Trad. Alexandre Emilio. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

LUZ, Madel Therezinha. Comentários ao manifesto convivialista. **Saúde em Redes**, v. 1, n. 1, p. 15-19, 2015.

MANIFESTE CONVIVIALISTE. Déclaration d'interdépendance. Paris: Éditions Le Bord de L'Eau, 2013.

MIRANDA, Félix V. B; BORBA, Laura C. **Manual de (meta)lexicografia**. 1ª ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.

ONU. Organização das Nações Unidas. 2019 Revision of World Population Prospects. **Economic and Social Affairs**, [s.l.], 24 mar. 2020. Disponível em <<https://population.un.org/wpp/>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

SAMERSKI, Silja. Tools for degrowth? Ivan Illich's critique of technology revisited. **Journal Of Cleaner Production**, [s.l.], p.1-10, 01 out. 2016. Elsevier BV. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.10.039>>. Acesso em 11 nov. 2019.

THE GUARDIAN. The Guardian's environmental pledge 2019. **The Guardian**, [s.l.], 15 out. 2019. Disponível em <<https://www.theguardian.com/environment/ng-interactive/2019/oct/16/the-guardians-climate-pledge-2019>>. Acesso em 23 jan. 2020.

VETTER, Andrea. The Matrix of Convivial Technology – Assessing technologies for degrowth. **Journal of cleaner production**, v. 197, p. 1778-1786, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.02.195>>. Acesso em 11 jan. 2020.

* Artigo recebido em 27 de abril de 2020,
aprovado em 05 de agosto de 2020.